

Vinhetas musicais na escola: o lugar da música na rotina escolar das crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em Curitiba

Comunicação

Amanda Linhares Mendonça
Universidade Estadual do Paraná - campus de Curitiba II
amandalinharesm2@gmail.com

Luiz Fernando Soczek
Universidade Estadual do Paraná - campus de Curitiba II
luizfernando.soczek@gmail.com

Rodrigo Amaral Canozi
Universidade Estadual do Paraná - campus de Curitiba II
canozirodrigo@gmail.com

Tiago Madalozzo
Universidade Estadual do Paraná - campus de Curitiba II
tiago.madalozzo@unespar.edu.br

Resumo: O tema desta pesquisa é a produção musical das crianças em diferentes tempos e espaços na rotina escolar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em Curitiba-PR. O objetivo da investigação é verificar a presença de manifestações musicais infantis na escola, refletindo sobre as maneiras como as crianças produzem música neste contexto. Apresenta-se um referencial teórico sobre a estruturação de um olhar e de um ouvir atentos às produções musicais infantis no recreio e em outros locais e momentos da rotina. Toma-se por base o pensamento de Ferreira (2004), Romanelli (2009), Scarpellini (2013) e Marchi (2018), em uma contextualização teórica que vai da pesquisa com crianças à escola, e da infância na escola às diferentes formas de expressão musical ali encontradas. A partir daí, por meio das considerações levantadas com entrevistas a três professoras de Arte da Rede Municipal de Ensino de Curitiba, responde-se os questionamentos levantados pela teoria. Após a discussão no cruzamento de dados teóricos e do campo empírico, enfatiza-se a importância de considerar a autonomia da criança, de sua própria fala e experiência na pesquisa com música na infância. Entende-se a importância de professores de Arte abrirem espaço para vivências lúdicas e acessíveis às crianças, possibilitando o desenvolvimento do interesse e da compreensão da música: em resumo, discute-se a construção de um olhar mais sensível do educador musical para a infância musical presente na escola.

Palavras-chave: Educação musical. Ensino fundamental. Música e infância.

Introdução

O tema desta investigação é a produção musical de crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em Curitiba-PR em diferentes tempos e espaços da rotina escolar. O objetivo é verificar a presença de manifestações musicais das crianças na escola, refletir sobre as relações sociais constituídas no espaço do recreio, e compreender as maneiras pelas quais as crianças se expressam musicalmente¹.

Utiliza-se o conceito de “vinhetas musicais”, apresentado por Romanelli (2009), para definir as manifestações musicais das crianças na escola, indo das individuais às coletivas (entre pares) e àquelas em relação com o mundo adulto.

Na pesquisa teórica, o foco está em estruturar um olhar e uma audição atentos na observação das crianças durante o recreio e mesmo em outros tempos e espaços da rotina. Baseia-se em estudos de Sociologia, da Sociologia da infância, da Antropologia, da Etnografia e da Etnografia educacional, a partir do diálogo com autores que se propõem a problematizar e questionar os caminhos deste tipo de investigação, levando em consideração aspectos humanos como o respeito pelas crianças, entendendo-as enquanto seres capazes de expressar seus sentimentos, angústias e de agir e se relacionar com o grupo e com o ambiente. Aponta-se caminhos para a realização de uma investigação tendo um olhar atento às expressões das crianças.

Metodologicamente, a pesquisa lança mão de um estudo empírico a partir da entrevista a três professoras atuantes em Arte na Rede Municipal de Ensino em Curitiba, com dados que são discutidos à luz da teoria. Por fim, apresenta-se considerações e reflexões sobre a pesquisa e sua implicação na área da educação musical e da infância.

¹ Este trabalho está vinculado à pesquisa do professor Tiago Madalozzo, do curso de Licenciatura em Música da Unespar/Curitiba II, e elaborado a partir das pesquisas de iniciação científica dos discentes Amanda Mendonça, Luiz Fernando Soczek e Rodrigo Canozzi, no período de agosto de 2019 a agosto de 2020, no âmbito do Programa de Iniciação Científica da Unespar.

REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Maria Manuela Ferreira, diversos fatores colocaram as crianças em posição de inferioridade e marginalidade historicamente, especialmente pela definição de infância construída pela Psicologia, em que as dimensões do corpo físico são tomadas como meio de parâmetro. Neste sentido, as concepções sociais e culturais não foram compreendidas, considerando as crianças incapazes e dependentes. Deixou-se de lado também a heterogeneidade biossocial das crianças (gênero, etnia, classe social, idades) e buscou-se características mais homogêneas (físicas, morais, psicológicos, afetivos), pendendo cada vez mais para uma definição etária (FERREIRA, 2004, p. 12-13).

A autora busca entender as crianças como seres políticos, capazes de construir relações com os adultos e com outras crianças, relações com o meio social, entendendo que elas podem ser influenciadas também por este meio, por estas relações sociais, econômicas e políticas, tanto quanto os adultos. Frente a isso são feitas algumas problematizações:

- i) das crianças como seres em déficit, simples objetos passivos e meros receptores de uma ação de socialização;
- ii) da socialização como um processo vertical e unívoco, conduzido exclusivamente por adultos que o lideram, de acordo com objetivos claramente definidos e em benefício da reprodução social;
- iii) do brincar como uma ação natural e espontânea das crianças, credo único e emblema das atividades da infância;
- iv) do grupo de pares como forma de organização heterônima (sic) e genuína e, como tal, um dado imediato, adquirido, de cuja suposta homogeneidade estão isentas relações sociais desiguais (FERREIRA, 2004, p. 15-16).

Neste mesmo viés, a pesquisadora Rita de Cassia Marchi defende uma pesquisa com crianças em que elas sejam de fato participantes ativas e não apenas objetos de pesquisa, ou seja, fala em “dar voz” às crianças, tanto no sentido de propor uma pesquisa cujo foco são as crianças, quanto de ouvir o que elas têm a dizer sobre suas experiências, e retirar de cena o pesquisador adulto detentor de todo saber, capaz de falar em nome de outros. Ainda, é preciso ter consciência que este “dar voz” não significa conceder ou permitir esta ação às crianças, mas sim, “reconhecer a existência de diferentes vozes no campo da pesquisa”

(MARCHI, 2018, p. 728-729), que não são necessariamente verbais, fazendo com que o pesquisador esteja aberto a diversas formas de expressão.

Marchi tece comentários a respeito da ética na pesquisa com crianças, admitindo que estas devem ser consultadas sobre sua participação em uma determinada investigação. Por isso, a autora traça estratégias de entrada no campo de pesquisa, sendo considerada como uma boa abordagem a “entrada reativa”, em que, sem forçar nenhuma interação ou ação, o pesquisador apenas espera a iniciativa das crianças para depois se envolver no grupo. Desta forma, o pesquisador tem caminho aberto para participar do grupo quase que como um membro nativo, estando então presente nos conflitos, interações, tomadas de decisão etc. (MARCHI, 2018, p. 735). Sobre isso, Ferreira chama de “participação periférica” o processo utilizado para a entrada no campo de pesquisa, que também busca pouca interferência na rotina, nas ações e relações das crianças a fim de se tornar amiga do grupo, ser aceita nele e assim poder “ver por dentro”.

Autores como Maíra Scarpellini e Guilherme Romanelli alertam para cuidados a serem tomados em relação à observação participante, já que esta é parte fundamental em uma pesquisa do tipo etnográfico, que é o modelo defendido por Ferreira e Marchi. Os autores entendem que a observação não é passiva, ela está condicionada a um conjunto de fatores que compõem a visão do observador. Diante disso, é necessário saber bem o que se busca observar, quais são os objetivos e quais são as características que podem auxiliar no processo, e então, expandir os conhecimentos em relação ao objeto da observação, ir a campo com subsídios teóricos e proposições sobre o que observar. Não é também neutra ou imparcial, “pois o pesquisador constrói sua versão do mundo que o cerca” e assim, “vê o que lhe interessa ver” (SCARPELLINI 2013, p. 42). Estas afirmações devem ser compreendidas a partir do lugar de fala de Scarpellini, que pesquisou as produções das crianças com foco no momento do recreio escolar.

Já Romanelli, que investigou especificamente as manifestações musicais das crianças na escola, ressalta algumas perguntas importantes durante a ida a campo, e que podem ser úteis para outras pesquisas com o mesmo método:

Onde há música no espaço escolar? Em quais momentos? Quais elementos da mídia podem ser observados nas manifestações musicais das crianças? Quais as ideias que as crianças têm da sua própria relação com a música? Como as crianças aprendem música dentro da escola? Como os adultos reagem às manifestações musicais das crianças? (ROMANELLI, 2009, p. 88-89).

Perguntas como essas servem como base para a observação, e norteiam o primeiro olhar do pesquisador. O autor defende que durante as visitas podem surgir perguntas que não foram pensadas antes ou que são adaptadas pelas condições da escola, características do grupo ou outros fatores (ROMANELLI, 2009, p. 89).

Sobre as anotações em campo, Scarpellini registra apenas palavras-chave que a fariam lembrar das ocasiões relatadas em suas investigações, e criou códigos para otimizar as anotações e não perder tempo – e também os detalhes que aconteciam em suas observações durante o recreio (SCARPELLINI, 2013, p. 49). Já Romanelli realizava as observações também em outros momentos da rotina escolar, inclusive durante as aulas.

Por fim, na etapa de organização e análise das informações coletadas no campo de pesquisa, tanto Romanelli quanto Scarpellini defendem padrões de organização em uma análise minuciosa do conteúdo coletado. Para isso, são necessárias divisões por temáticas e subtemáticas relevantes para a pesquisa, com a posterior criação de categorias de análise para agrupar situações com características comuns. Romanelli (2009) cita as categorias utilizadas na ocasião de sua pesquisa, com foco nas expressões individuais ou coletivas das crianças e em relações com o mundo adulto, que se subdividem em outras nove subcategorias envolvendo as práticas encontradas. Esse estudo sem dúvida poderia servir como referência para outras pesquisas, mas é importante ponderar que a organização foi feita a partir do material coletado naquele contexto: por isso, a estruturação de categorias de análise pode e deve ser modificada a cada nova investigação.

Em suma, neste breve referencial teórico apontou-se um encaminhamento afinado para orientar a investigação com crianças. Iniciou-se com um tema mais alargado – a pesquisa com a infância na escola. O tema de destaque foi o respeito pela infância e a ética na pesquisa com crianças, considerando as afirmações de Ferreira sobre a importância de considerar as crianças não em posição de inferioridade, mas como seres políticos, em relação constante

com os adultos e com outras crianças no ambiente social em que vivem. Considerou-se também o pensamento de Marchi sobre “dar voz” às crianças, considerando suas múltiplas formas de expressão, o que é bastante oportuno na pesquisa sobre a música na infância. Ainda, ressaltou-se as ideias sobre o olhar do pesquisador, e suas interferências nas rotinas infantis, no momento da investigação com crianças.

Em seguida, afinando o olhar, partiu-se especificamente para as pesquisas com crianças na escola, e com música. A partir dos temas discutidos sobre a observação e o trabalho em campo, incluiu-se comentários de Scarpellini sobre a importância de o pesquisador saber o que se busca observar; e finalizou-se com as considerações de Romanelli tendo como foco o local em que a música verdadeiramente está na escola.

É importante ressaltar que estas considerações a respeito do *olhar do investigador* orientaram a forma como, nesta pesquisa, se pensa o *olhar do professor* que trabalha com música na infância, nas unidades escolares. Entende-se que todas as considerações registradas nesta seção têm impacto direto na forma como os professores veem a ocorrência de manifestações musicais das crianças na escola. Esta ideia é um pressuposto para a compreensão do material que foi possível obter no estudo empírico.

METODOLOGIA

Em função destes pressupostos sobre o olhar do professor, e também pela impossibilidade da ida a campo para coletar diretamente dados sobre as manifestações musicais das crianças na escola em função da suspensão de atividades presenciais neste local, conduziu-se uma entrevista com três professoras de Arte com experiência de atuação na Rede Municipal de Curitiba, que forneceram dados que puderam finalmente ser analisados a partir de uma “trama” com aqueles da teoria².

² Ressaltamos que, de acordo com as informações da seção anterior, o objetivo desta pesquisa foi o de extrapolar as considerações sobre a *pesquisa etnográfica com crianças* para o *olhar pedagógico do professor* sobre as expressões musicais infantis. Adicionou-se o fato de que não foi viável conduzir um estudo etnográfico nas escolas; por isso, selecionou-se professoras que têm um trabalho de destaque na Rede Municipal de Ensino de Curitiba, na consideração das expressões artísticas das crianças. Percebemos uma relação direta dos pressupostos da reflexão teórica com a fala das professoras nas entrevistas, como demonstramos na seção de Discussão.

Na pesquisa em educação utiliza-se a entrevista, que é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizadas no âmbito das Ciências Sociais (GIL, 2008). Consideramos ainda a definição de Minayo (1994), que afirma que a entrevista é um procedimento dos mais usuais no trabalho de campo quando se busca obter informações contidas na fala de atores sociais. Por isso mesmo, optou-se pela estruturação de um roteiro de entrevista semiestruturado, considerando a importância de que a entrevistada pudesse abordar o tema de forma livre, mas dentro de questões conduzidas pelos autores estudados (MINAYO, 1994) – neste caso, questionamentos trazidos a partir das reflexões teóricas.

O ESTUDO EMPÍRICO

As entrevistas foram realizadas com três professoras, aqui nomeadas Ana, Beatriz e Cecília, para preservar suas identidades, por meio de videoconferências na plataforma *online* Google Meet, no mês de agosto de 2020. A professora Ana atua na Rede Municipal de Ensino de Curitiba com aulas de Arte para turmas de primeiro a quinto anos do Ensino Fundamental, e com projetos de artes manuais no contraturno escolar. A professora Beatriz atua com aulas de Arte, e foi uma das responsáveis pela concepção do currículo de Arte atualmente em vigência nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Já a professora Cecília atua nas redes municipais de ensino de Colombo e de Curitiba, em um trabalho realizado desde o Pré (Educação Infantil) até o quinto ano do Ensino Fundamental.

Nas entrevistas, foram levantados diversos pontos como o lugar da música na escola, as influências do mundo adulto nas manifestações musicais infantis, a interação entre as crianças durante essas manifestações, e o lugar da música e da arte no momento do recreio. Incluiu-se ainda questões sobre os objetivos do trabalho com a música como parte do currículo, e a percepção das múltiplas formas de expressão musical pelas crianças, e como isto influencia em suas manifestações culturais na escola.

DISCUSSÃO

Os temas emergentes da fala das professoras foram analisados em uma trama, tecendo-os aos “fios” das questões teóricas levantadas no referencial deste texto. Tais temas emergentes partem de uma percepção de todas as três professoras, mas principalmente registrada na fala da professora Beatriz, que, sobre o(s) lugar(es) da música na escola, afirmou que em sua unidade boa parte dos momentos escolares são arregimentados por música, o que faz com que a música se torne presente em muitos ambientes. A professora destacou algumas situações que propiciam essa vivência, como o momento da chegada, de alguma atividade específica como a própria hora do recreio, o momento de ir para a horta, a aula de Educação Física, os momentos de lazer, a própria aula de Arte, e mesmo a hora da saída da escola. A partir daí, apresenta-se diferentes temas de reflexão.

A música no recreio

A professora Beatriz relatou que as manifestações musicais no momento do recreio incluem não só as interações entre as crianças, mas também a disposição de muitas vezes elas próprias a procurarem para levarem instrumentos musicais ou objetos sonoros para tocar. Neste aspecto, evidencia-se que o recreio é de fato um espaço privilegiado para o estudo da cultura infantil, da mesma forma como argumenta Cruz (2012, p. 66), ao afirmar que o recreio, “em sua teia de relações, é um dos espaços socioculturais em que aparecem imbricadas cultura infantil e cultura escolar”.

Para a professora Cecília, o recreio escolar é sinônimo de agitação: ela afirma que a sala de aula “enquadra” as crianças, em função da imobilidade corporal, à exceção de aulas como as de Educação Física e de Arte, que são momentos de maior possibilidade de expressão para as crianças – e tudo isso é amplificado nos vinte minutos do recreio. A professora informa que no recreio as crianças costumam se organizar em “cantos” no pátio: jogando futebol, pulando corda, brincando no parquinho de areia, ou ainda cantando cantigas de roda e jogos de mãos. Deste modo, argumenta que certos grupos de crianças optam por fazer música no recreio, que se torna um espaço onde a criança faz aquilo que ela mais gosta de fazer. Justamente por isso, a professora comenta que as crianças parecem aproveitar cada minuto

do recreio, porque, quando ele é finalizado, elas precisam voltar à “introspecção” que define o trabalho da sala de aula.

Por fim, a professora Cecília registra que nas escolas de Curitiba o sinal sonoro que marca a ida para o recreio e os intervalos é o toque de uma música, o que colabora com a presença de vivências sonoras contínuas na escola.

A música em outros espaços: as Práticas Artísticas

Para além do recreio, a professora Cecília analisa que as crianças que estão na escola no período de ensino integral têm uma maior musicalidade, em função da presença das Práticas Artísticas, projetos que englobam Música, Teatro e Dança³. Deste modo, para a professora, as crianças participantes das Práticas acabam por apresentar uma desenvoltura muito maior do que a dos outros alunos, em função de sua liberdade de expressão – o que na verdade, pondera, seria o ideal para todos os processos criativos na escola.

A professora Ana relata que em sua unidade escolar há um projeto de Prática Artística denominado “OficiLinha”, que segundo ela é um convite à participação das crianças a partir de uma lógica de expressão artística do “interno” para o “externo”, servindo como forma de socialização e interação através de movimentos lúdicos com tramas de lã. Assim como nas Práticas Artísticas com música e movimento, nestes momentos as “vinhetas musicais” aparecem de formas mais naturais, e menos impostas: as crianças continuamente cantam ou solicitam a audição de obras musicais, justamente por não haver a necessidade de uma postura estática como a que acontece na sala de aula regular. Ou seja, mesmo em oficinas de artes manuais, a música e o movimento se fazem presentes com maior liberdade.

³ As Práticas Artísticas constituem projetos norteados “pela ampliação do pensamento estético e do olhar sensível do estudante acerca da arte”, aprofundando e qualificando “o estudo nas especificidades das linguagens da arte” para além dos “limites temporais e físicos conferidos pelo Componente Curricular Arte (CURITIBA, 2016b, p. 76-77). Em Música, tais projetos incluem práticas de flauta doce, canto coral, jogos e brincadeiras musicais, brinquedos cantados, percussão (corporal, com objetos cotidianos, com instrumentos musicais convencionais, *cup songs* etc.), sempre em uma perspectiva de se valorizar os saberes e a música das crianças, e ampliar repertórios a partir da experimentação e da escuta sensível (CURITIBA, 2016b, p. 79; 83).

A música na aula de Arte e a formação estética

A professora Ana afirma que o ensino na aula de Arte deve prezar pelo experimento, pela criação e pela vivência. Considera que existem muitos benefícios em se trabalhar dessa forma com a Arte, pois ela é a manifestação do ser humano, e pura expressão. Este olhar sensível da professora é análogo ao anteriormente mencionado por Marchi (2018), quando fala sobre a necessidade de o professor/pesquisador ter um olhar sensível com/para as crianças, em vê-las como protagonistas de sua própria história.

Para a professora Ana, diante de um desestímulo diário que muitas vezes caracteriza o trabalho realizado na escola, quando se fornece a liberdade de expressão à criança e a valorização de sua autonomia, as manifestações culturais tendem a aparecer de forma mais espontânea, e isto contribui para um desempenho superior em todas as outras atividades da rotina escolar.

A professora Cecília também relata o quanto, mesmo no primeiro ano do Ensino Fundamental, a escola acaba por rapidamente formatar a atuação das crianças, que vêm de um ambiente de maior liberdade de expressão, a Educação Infantil. A professora entende que a postura imóvel e rígida tem que ser quebrada pela Arte, na medida em que apenas pela Arte a criança terá consciência da necessidade de espaço para se expressar, e de forma coletiva, em grupo. Sobre isso, também Scarpellini (2013), em outro ponto deste trabalho, ressalta que o recreio é espaço de maior liberdade musical: embora a professora Cecília demonstre uma relação entre o que as crianças aprendem na sala de aula e o que expressam no recreio, este certamente se caracteriza como um espaço de ruptura, com um tipo de vivência quase oposto à realidade de “introspecção” de qualquer tipo de manifestação artística que parece caracterizar o trabalho feito em sala.

Já a partir das considerações da professora Ana, é possível afirmar que existe uma carência na formação do professor de Arte para desenvolver um olhar para a produção das crianças. Esta construção está vinculada a ideias discutidas anteriormente neste texto sobre a necessidade de se abrir olhos e ouvidos para o que as crianças produzem (MARCHI, 2018), e pela convicção de que o professor deve ter de que a sala de aula não é espaço de ensino de

conteúdos, mas sim para criar uma mediação para reorganizar e lapidar a bagagem e o conhecimento cultural que as crianças já possuem.

Por fim, para a professora Beatriz, a Arte serve para desenvolver o sensível de cada indivíduo, o que, segundo ela, tem uma metodologia com base na apreciação, na experimentação e na criação artísticas, que está associada ao pensamento pedagógico que o pesquisador e educador Keith Swanwick amplia de forma mais profunda no modelo C(L)A(S)P, considerando os aspectos da composição, da literatura, da apreciação, das habilidades e da performance musical (FRANÇA; SWANWICK, 2002). Este também é o referencial de base da estruturação curricular da Rede Municipal de Curitiba, em que a proposta metodológica de Arte “tem como fundamento a experiência estética, lembrando que esta se refere à relação que o(a) estudante estabelece com as produções artísticas”, justamente nesta múltipla perspectiva de envolvimento com a arte e com a música (CURITIBA, 2016a, p. 248).

Sobre a presença do adulto, Beatriz afirma que, como professora de Arte, apenas conduz as crianças de forma horizontal, sem a hierarquia na forma vertical, pois a criança por si mesma tem criatividade para criar e fazer arte. A professora demonstra um olhar atento, buscando sempre aprender e evoluir com essa interação adulto/criança. Este pensamento não só pode ser associado à ideia do trabalho musical defendida por Raymond Murray Schafer (1991), que enxerga os estudantes e professores atuando juntos em uma comunidade de aprendizes, mas também está associado à ideia de Marchi (2018) de que as produções das crianças se interligam com a cultura dos adultos.

A fala das três professoras resume os diversos tempos e espaços em que a música se faz presente na escola: no recreio escolar, no relaxamento, na batida do sinal sonoro para a marcação da rotina, na aula de Educação Física, nas Práticas Artísticas e, finalmente, na aula de Arte. Ainda assim, para a professora Cecília, é importante enfatizar que os conhecimentos estéticos são trabalhados justamente nesta última: a aula de Arte se torna fundamental na escola porque é por meio dela que as crianças têm acesso a um conhecimento especializado, diferente dos outros que são apresentados em outros momentos da rotina escolar. Neste sentido, não só a aula de Arte deve oportunizar o desenvolvimento do pensamento estético musical, mas também toda a rotina escolar deve ser pontuada por múltiplas possibilidades de

contato das crianças com música, justamente como sugere o currículo em vigência (CURITIBA, 2016a). A fala da professora Cecília evidencia que a aula de Arte é um momento “disparador” de ideias, relações e produções musicais, que aponta para muitos outros tempos e espaços – diferentes oportunidades de contato das crianças com a música.

Vinhetas musicais

E é nesse sentido que se finaliza esta discussão com o pensamento da professora Beatriz ao destacar os diferentes modos de produção musical das crianças. A fala da professora deixa evidente que estes modos de expressão individual e coletiva das crianças, e em relação com aquelas do mundo adulto (seja pela família ou com seus professores) estão de fato associados à ideia de “vinhetas musicais” propostas por Romanelli (2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão teórica realizada neste trabalho permitiu o levantamento de subsídios para iniciar uma reflexão sobre a natureza da pesquisa com crianças, na escola, e com música. Foi possível perceber uma mudança do olhar da pesquisa acadêmica para a criança e para a infância presente na escola, dando mais credibilidade e valor para o tema, fortalecendo esta linha de pesquisa. O resultado gera passos mais largos em direção ao entendimento de possibilidade de ação também mais representativas para os rumos da educação musical na infância.

Com a coleta de dados do campo por meio das entrevistas, percebeu-se a ênfase das professoras em destacar, para além do recreio e das aulas de Arte, as Práticas Artísticas que aconteciam de maneira geral na escola, e isto ampliou e aprimorou a análise sobre as “vinhetas musicais” na escola.

A trama obtida através do cruzamento de dados da teoria e da investigação no campo leva a implicações da pesquisa para a área da Educação Musical. Em primeiro lugar, a compreensão da autonomia da criança como figura principal da pesquisa na infância, tendo sua própria experiência e fala como base. Em segundo, a necessidade de responsabilidade e

zelo dos professores em apresentar atividades lúdicas e acessíveis para as crianças a fim de possibilitar o desenvolvimento do gosto, da compreensão e do interesse pela música e pela Arte. Finalmente, o preparo do olhar investigativo do pesquisador *e educador* musical, construindo nele um olhar sensível para o cotidiano infantil na escola.

Referências

CRUZ, Tânia M. Gênero e culturas infantis: os clubinhos da escola e as Trocinhas do Bom Retiro. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.38, n.1, p.63-78, 2012.

CURITIBA. Secretaria Municipal de Educação. Departamento de Ensino Fundamental. *Currículo do Ensino Fundamental do 1º. ao 9º. ano: Vol II – Área Linguagens*. Curitiba: SME/DEF, 2016a.

_____. *Subsídios para a organização das práticas educativas em oficinas nas unidades escolares com oferta de educação em tempo integral*. Curitiba: SME/DEF, 2016b.

FERREIRA, Maria Manuela M. “A gente gosta é de brincar com os outros meninos!”. Porto: Afrontamento, 2004.

FRANÇA, Cecília C.; SWANWICK, Keith. Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática. *Em Pauta*, Porto Alegre, v.13, n.21, p.05-41, 2002.

GIL, Antonio C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARCHI, Rita de C. Pesquisa etnográfica com crianças: participação, voz e ética. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.43, n.2, p.727-746, abr./jun. 2018.

MINAYO, Maria Cecília de S.; NETO, Otavio Cruz; DESLANDES, Suely F. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

ROMANELLI, Guilherme G. B. A música que soa nas escolas: contribuições de um estudo etnográfico. *Música em Perspectiva*, Curitiba, v.2, n.2, out 2009, p.78-104.

SCARPELLINI, Maíra A. *As crianças em suas relações com a música no recreio escolar*. 200f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Artes. Uberlândia, 2013.

SCHAFER, Murray. *O ouvido pensante*. São Paulo: Unesp, 1991.

SOUZA, Karla R. R. de. O recreio como lugar de pesquisa da cultura de pares infantis. *Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação*, 36., 2013, Goiânia. Anais... Goiânia, 2013.